

# **O USO DA TECNOLOGIA NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: breve retrospectiva histórica**

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (UFMG/CNPq/FAPEMIG)

**Abstract:** This article presents a historical retrospective on the use of technology in the teaching of languages that begins with typographical resources and goes on to be improved with the development of electronic equipment. Textbooks have become complemented by other technologies, due to the development of machinery for the reproduction of human sound in the XVII Century, to the emergence of image projectors in the XX Century, and to the popularization of computer mediated interaction in this century. On discussing the evolution of technology, we will also be reflecting on the several language teaching and learning concepts, which legitimized or legitimize the use of these diverse technologies.

**Key-words:** history of technology; book; sound; video; computer

## 1. Introdução

“As máquinas dominam as comunicações no mundo moderno. O ambiente lingüístico tem sido recriado artificialmente e o professor e o livro têm sido forçados a se integrarem a esses novos meios de transmissão.” Essas afirmações parecem ter sido feitas hoje, mas foram feitas por Kelly (1969) ao final da década de 60. A atualidade dessa reflexão nos leva a afirmar que o homem está irremediavelmente preso às ferramentas tecnológicas em uma relação dialética entre a adesão e a crítica ao novo. O sistema educacional sempre se viu pressionado pela tecnologia, do livro ao computador, e faz parte de sua história um movimento recorrente de rejeição, inserção e normalização.

Quando surge uma nova tecnologia, a primeira atitude é a de desconfiança e de rejeição. Aos poucos, a tecnologia começa a fazer parte das atividades sociais da linguagem e a escola acaba por incorporá-la em suas práticas pedagógicas. Após a inserção, vem o estágio da normalização, definido por Chambers e Bax (2006, p.465) como um estado em que a tecnologia se integra de tal forma às práticas pedagógicas que deixa de ser vista como cura milagrosa ou como algo a ser temido.

## 2. A tecnologia da escrita



Fig. 1  
*Volumen*

A história do livro registra que antes do formato que conhecemos hoje, os textos eram registrados no *volumen*, um rolo de folhas de papiro. O ato de ler implicava desenrolar o manuscrito e, caso o leitor quisesse retornar a alguma passagem, deveria enrolar o manuscrito até localizar o trecho. Segundo Fisher (2006, p.76), “já no século I a.C., Júlio César havia dobrado uma folha de papiro em “páginas” individuais para enviá-las às tropas no campo de batalha e esse costume acabou levando à criação do códex”. O formato do códex se aproximava ao do livro de hoje. Era feito com pergaminhos, pedaços de peles de animais, geralmente de carneiro, ou com folhas de papiro unidas por uma costura. A escrita nos dois lados da página passa a ser horizontal e as páginas são viradas e não mais enroladas. O fato de poder pousar o livro sobre uma mesa traz conforto ao leitor, pois não é mais necessário ficar com as duas mãos presas ao texto. Outra vantagem do códex são as quatro margens que permitiam ao leitor “inserir glossários, anotações e comentários, de modo que aproximasse o leitor do material escrito” (FISHER, 2006, p.79).



Fig. 2  
Folha de um *Códex*

Chartier (1994, p.102) acrescenta outros pontos positivos. Diz ele:

É, enfim, inegável que o códex permita uma localização mais fácil e uma manipulação mais agradável do texto: ele torna possível a paginação, o estabelecimento do índice e de correspondências, a comparação de uma passagem com outra, ou ainda o exame do livro em sua integridade pelo leitor que o folheia.

A invenção da imprensa por Gutemberg em 1442 foi a primeira grande revolução tecnológica na história da cultura humana, mas a socialização do livro não foi um processo tranqüilo. O livro sofreu os mesmos problemas que hoje são trazidos pela introdução do computador em nossa sociedade. O códex era caro e sua propriedade era privilégio de poucos. Chartier (1994, p.102) comenta que a adoção do códex foi feita pelos leitores que não pertenciam à elite letrada que “continuava resistentemente fiel aos modelos gregos, logo ao *volumen*”. Chartier esclarece que esses novos leitores liam textos situados fora do cânone literário, tais como textos escolares, obras técnicas, romances, etc.

O estado e a igreja impunham ao códex a censura, cuja prática foi transferida aos livros e perpetuada ao longo dos séculos. Como lembra Chartier (1999, p. 23), “a cultura escrita é inseparável dos gestos violentos que a reprimem”. Exemplos célebres de repressão à leitura na história da humanidade são fornecidos pela Igreja Católica, e seu índice – a lista de livros proibidos por serem considerados heréticos – durante a inquisição no século 14; pelo regime nazista incinerando livros como descreve belamente Zusak (2007) no romance *A menina que roubava livros*; e pelos vários regimes totalitários ao longo dos séculos, inclusive a ditadura brasileira instaurada em 1964, que transformou a leitura de algumas obras em caso de polícia.

O livro didático também sofre censura por motivos políticos ou restrições econômicas. Em 1993, em visita à China, pude constatar que os alunos chineses não tinham acesso aos livros das editoras inglesas tão comuns no Brasil. O material didático impresso era feito com papel de má qualidade e sem ilustrações. Além da questão econômica, havia também censura política que determinava, por exemplo, a necessidade de permissão governamental para utilizar uma antena parabólica e ter acesso à programação em língua estrangeira (PAIVA, 1995).

Hoje é a vez do computador, que apesar de estar dentro das escolas, sofre censura de alguns administradores que impedem o acesso a determinadas páginas, às redes sociais como o *Orkut*, a salas de bate-papo e mesmo a vídeos do *YouTube*. No ambiente familiar, se antes os jovens procuravam verbetes sobre sexo em enciclopédias (ver MANGUEL, 1997, p.25), hoje buscam fotos e vídeos às escondidas dos adultos, como se estivessem cometendo algum delito.

## **2.1. As tecnologias no ensino de línguas**

No ensino de línguas, os primeiros livros foram as gramáticas. Segundo Kelly (1969), na época medieval, tanto o livro quanto o professor eram propriedade do aluno, mas apenas o professor tinha a posse do livro. A primeira notícia que se tem do uso do livro pelo aprendiz data de 1578, com a publicação de uma gramática do hebraico pelo Cardeal Bellarmine que possibilitava ao aluno estudar sem a ajuda do professor. O conceito de ensino de línguas equivalia ao da oferta de descrições lingüísticas. Aprender uma língua significava aprender a sintaxe dessa língua.

O primeiro livro com imagens foi o *Orbis Sensualium Pictus*<sup>1</sup> (Fig. 3), de Comenius, na realidade, um livro de vocabulário ilustrado, publicado em 1658 para a educação infantil. Esse “mundo em gravuras” incluía lições com vocabulário sobre a natureza, os animais, os homens, seus ofícios, etc. O objetivo era ensinar nomes das coisas em latim acionando os sentidos pela contextualização com as imagens. Comenius acreditava que as experiências sensoriais auxiliavam a memória e que a percepção ajudava a imprimir a imagem na mente. A aquisição de vocabulário era sinônimo de memorização de itens lexicais.



Fig. 3. Orbis Pictus

Ao contrário de Comenius, que defendia o uso do livro na sala de aula, havia educadores como Lambert Sauver que propunham sua proibição. Segundo Kelly (1969, p. 261), Sauveur advogava a proibição do livro nas escolas, pois acreditava que a sala de aula era local para ocupar os ouvidos. A função do livro seria a de preparar os alunos para as aulas e deveria, portanto, ser usado apenas em casa.

### 3. Tecnologias de áudio e vídeo



Fig. 4  
Fonógrafo

Uma grande inovação tecnológica foi a reprodução de som e vídeo. As primeiras máquinas reproduziam apenas o som, depois apareceu a tecnologia de projeção de imagem e, em seguida, equipamentos que projetavam imagem e reproduziam som ao mesmo tempo. Na medida em que as máquinas se tornavam mais sofisticadas, os professores reagiam e se sentiam ameaçados com medo de perder seu trabalho e seu status.

Segundo Kelly (1969, p. 240), a grande revolução no ensino de línguas começou com a invenção do fonógrafo por Thomas Edson, em 1878. Gonçalves (2008) descreve a tecnologia da seguinte forma:

O Fonógrafo funcionava do seguinte modo: o som fazia vibrar o diafragma de gravação, enquanto um cilindro coberto com papel de estanho ia girando sobre a

---

<sup>1</sup> Uma versão digitalizada do livro pode ser vista em <http://www.grexlat.com/biblio/comenius/index.html>.

agulha do diafragma, esta, ia fazendo cortes na folha de estanho que variavam conforme o som. Quando a gravação estava completa, a agulha de gravação era substituída por outra, que, girando novamente no cilindro reproduzia o que tinha sido anteriormente gravado. Foi com o poema “Mary had a little lamb” dito por Edison, que pela primeira vez uma máquina reproduzia sons tal e qual eles tinham sido produzidos anteriormente. Foi este o invento que tornou Edison mundialmente conhecido.

Os cilindros de estanho foram depois substituídos por cilindros revestidos por cera que poderiam ser reutilizados. Depois veio o gramofone com a gravação em discos e, em seguida, a fita magnética.

Com a inovação tecnológica de gravação e reprodução de som, foi possível levar para a sala de aula material gravado, reproduzindo amostras de fala de falantes nativos. Os alunos poderiam assim ouvir e tentar imitar a pronúncia sem a interferência do sotaque do professor ou de seus eventuais problemas de pronúncia e entonação. O ensino começa a focar a língua falada, sem, contudo, ignorar as descrições sintáticas. Apesar de haver um foco na oralidade, entendia-se a aprendizagem da habilidade oral como imitação e repetição de amostras de falas gravadas por nativos.

Kelly (1969, p. 241) registra que *The International Correspondence Schools of Scranton* foi responsável pelo primeiro material didático gravado, em 1902 e 1903. O material consistia de livros de conversação acompanhados pelos cilindros de Thomas Edson. A empresa londrina *Linguaphone*, fundada pelo professor e tradutor Jacques Roston, avoca para si, em sua página na web<sup>2</sup>, o pioneirismo da associação dos métodos tradicionais escritos com as gravações em áudio. Nessa página, encontramos o registro de que os primeiros materiais gravados foram produzidos em 1901 e que utilizavam fala nativa autêntica, com textos ilustrados sobre assuntos, situações e necessidades do dia a dia.

Segundo Kelly (1969, p. 251), em 1930, os estúdios de Walt Disney produziram *cartoons* para o ensino de inglês básico, dando início ao uso de filmes para o ensino de línguas. Em 1943, os estúdios Disney produziram uma série de filmes com atores, intitulada *The March of Times*. Outros filmes didáticos foram produzidos por CREDIF (*Centre de Recherche et d'Étude pour la Diffusion du Français*).

---

<sup>2</sup> Mais dados históricos podem ser lidos em <http://www.linguaphoneusa.com/>

O gravador de fita magnética, na década de 40, permitiu que os alunos gravassem suas leituras e exercícios de repetição e avaliassem seu desempenho. O apogeu do material gravado aconteceu com a criação dos laboratórios no final dos anos 50. Essas instalações, bastante dispendiosas, demandavam um local fixo com bom tratamento acústico e fiação específica. A forma como as cabines de som eram instaladas e isoladas impediam o contato entre os usuários e até mesmo com o professor.

Os laboratórios não tiveram muito sucesso e seu fracasso pode ser atribuído não só a rigidez das instalações, mas também aos princípios lingüísticos e de aprendizagem que lhes davam suporte: o conceito de língua como conjunto de estruturas sintáticas e de aprendizagem como criação de hábitos automáticos. Esses conceitos foram superados pela língua como comunicação e as abordagens que visavam à interação entre os participantes com atividades em pares e em grupos.

Outra tecnologia de áudio é o rádio, mas como ele se caracteriza pela transmissão em tempo real, nem sempre era ou é possível a adaptação aos horários dos programas e, como consequência, a tecnologia exerceu pouca ou nenhuma influência no ambiente escolar. No entanto, o rádio teve impacto na educação a distância devido ao seu longo alcance. Kelly (1969, p. 248) informa que a BBC iniciou transmissões com pequenas aulas de inglês em 1943 e que, na década de 60, transmitiu cursos de inglês em 30 línguas para quase todo o globo terrestre, incluindo níveis elementares e avançados.

Nos Estados Unidos, a rádio *Voice of America*, em conjunto com o Serviço de Informação Americano (USIS), também oferecia curso de inglês com apoio de material impresso. É relevante registrar que o rádio, ainda que de forma tímida, é, ocasionalmente, utilizado em estudos autônomos. Nas narrativas do projeto AMFALE<sup>3</sup>, encontramos alguns relatos de aprendizes que ouvem rádio como estratégia para aprimorar a habilidade de compreensão oral.

Dentre todas as tecnologias de áudio e vídeo, incluindo o cinema, o rádio e a televisão foram as de maior socialização, mas seu impacto no ensino escolar formal, no entanto, não teve a dimensão esperada.

---

<sup>3</sup> Mais dados históricos podem ser lidos em <http://www.linguaphoneusa.com/>

A Televisão foi inventada em 1926 por John Baird, mas só chegou ao Brasil em 1950. A princípio era um artigo de luxo cujo acesso ficava limitado aos ricos, mas aos poucos foi se infiltrando em todas as classes e hoje está em quase todos os lares. No entanto, os canais por assinatura ainda são muito caros, o que limita o acesso à programação em língua estrangeira.

Os canais educativos costumam veicular cursos de línguas, mas assim como o rádio, geralmente, não atingem o ambiente escolar e não conheço estudos que avaliem os impactos dessas iniciativas. No entanto, fora do ambiente escolar tradicional, grandes projetos de ensino de línguas acontecem. No Brasil, um desses projetos é traduzido nas diferentes versões de Telecurso da Fundação Roberto Marinho, cujos programas, incluindo aulas de inglês, são veiculados pela rede Globo. Na China, em 1993, verifiquei que havia cursos de várias línguas estrangeiras veiculadas por programas da universidade aberta através de rádio e televisão universitárias. Eram “700 institutos locais e centrais de transmissão e 1500 estações em áreas rurais sobre o controle da Rádio Central e da TV Universidade” (PAIVA, 1995, p.183).

Na sala de aula da escola regular, a televisão toma nova dimensão quando é usada para a visualização de vídeos gravados que passaram a fazer parte dos materiais didáticos das grandes editoras, mas que estão, pouco a pouco, migrando para CD-Roms e DVDs.

A cada nova tecnologia, a escola, especialmente no ensino de línguas, busca inserir essa nova ferramenta nas práticas pedagógicas em uma tentativa de melhorar a mediação entre o aprendiz e a língua estrangeira. Assim, o livro ganhou a companhia do som e da imagem, oferecendo input menos artificial. Podemos sintetizar o percurso dessa soma de tecnologias com a seguinte linha de tempo, representando a evolução do material impresso, sonoro e visual.



Fig. 5 evolução da tecnologia

#### 4. O Computador

O computador surgiu para atender aos interesses do governo americano. Preocupado com a guerra fria, o governo criou, através do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, uma rede eletrônica, a ARPANET. Essa rede transferia, de forma rápida, grande quantidade de dados

de um computador para outro, descentralizando as informações e protegendo os dados para impedir que os mesmos pudessem ser destruídos caso fossem armazenados em um único computador. Assim como o livro, o computador foi encolhendo e deixou de ocupar salas inteiras para a habitar as pastas e mochilas das classes média e alta.

Segundo Levy (1997), o ensino de línguas mediado por computador teve início com o projeto PLATO (*Programmed Logic for Automatic Teaching Operations*), em 1960, na Universidade de Illinois. Plato usava uma ferramenta de autoria<sup>4</sup>, o *tutor*, que permitia desenvolver exercícios de gramática e vocabulário com *feedback* automático. O projeto oferecia instrução mediada por computador para várias línguas. O sistema PLATO, segundo Woolley (1994), cresceu muito durante a década de 70. No início, eram cerca de 20 alunos, mas depois o sistema migrou para um computador mainframe e, no começo da década de 80, havia milhares de terminais em todo o país, permitindo, também, a interação entre as pessoas. Woolley (1994) comenta que o crescimento da comunidade PLATO gerou todos os problemas que hoje conhecemos nas comunidades online, como as agressões verbais e outros incidentes. Ele acrescenta que o sistema afetou muitas vidas e até casamentos resultaram desses encontros online.

Na década de 80, surgiram no Brasil os primeiros computadores pessoais (PCs). Na Inglaterra, apareciam os programas de reconstrução de texto, como o *Storyboard* e *Adam&Eve*, que só se tornaram conhecidos no Brasil na década de 90. O *Storyboard* é um programa que permite reconstruir um texto, palavra por palavra, por meio de dicas textuais, como, por exemplo, título e material introdutório (LEVY, 1997, p. 23). *Adam&Eve* permite que o professor use qualquer texto e o *software* faz a análise do vocabulário com base em dados de frequência de palavras, indicando seu nível de dificuldade. O programa cria, também, exercícios de lacuna, apagando palavras na sequência escolhida pelo professor (ex. cada quinta ou sétima palavra) ou verbos, conjunções e pronomes. O professor pode escolher o nível de dificuldade, apagando toda a palavra ou deixando apenas as letras iniciais. Além dos exercícios de preenchimento de coluna, o software mistura palavras ou frases para que o aluno reconstrua frases ou reorganize o parágrafo. Mesmo com toda a discussão, iniciada na década de 70, sobre a abordagem comunicativa, esses recursos computadorizados continuavam enfatizando as questões formais.

---

<sup>4</sup> Ferramenta de autoria é um *software* que permite ao usuário criar suas próprias atividades sem necessidade de conhecer linguagem de programação.



O acesso à rede mundial de computadores, no Brasil, aconteceu em 1991 com a criação da Rede Nacional de Pesquisa (RNP) pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A rede interligou várias universidades e os professores universitários começaram a “falar” com seus pares no exterior, ainda de forma precária, pois o sistema *Usenet*, que viabilizava a interação via BBS (*Bulletin Board System*), ainda funcionava de forma muito semelhante às máquinas de escrever. O acesso público só teve início em 1994, com as provedoras particulares, e, em 1997, chega a WWW nos moldes que conhecemos hoje. Surgiram novas formas de comunicação e os aprendizes de línguas estrangeiras puderam, pela primeira vez, ter acesso a páginas da Internet e interagir com falantes das línguas por meio de email, listas de discussão e fóruns. Pela primeira vez, temos uma tecnologia que permite experiências lingüísticas não artificiais e a língua pode ser entendida como comunicação.

Um das primeiras páginas com material gratuito para alunos e estudantes foi a *ESL Cafe*, criada por David Sperling, com auxílio de colaboradores, em 1995. Muitas outras páginas somaram-se a *ESL Cafe* e, hoje, o aluno de língua estrangeira encontra exercícios de leitura, dicionários, projetos colaborativos, exercícios de compreensão oral, etc. No entanto, grande parte desse material, continua com foco exclusivo na forma.

A tecnologia da informática evoluiu rapidamente e o computador e seus periféricos, além do correio e do telégrafo, passaram a integrar todas as tecnologias da escrita, de áudio e vídeo já inseridas na sociedade: máquina de escrever, imprensa, gravador de áudio e vídeo, projetor de slides, projetor de vídeo, rádio, televisão, telefone, e fax. Os recursos de comunicação instantâneas como o *ICq*<sup>5</sup>, hoje substituído pelo *MSN*, deram impulso às interações por mensagem escrita com acréscimo gradual de recursos de vídeo e áudio. No século 21, a Internet entra em uma nova fase, conhecida como web 2. O usuário deixa de ser mero consumidor de conteúdo e passa também a produtor. Surgem as redes de relacionamentos como o *Orkut*, os blogs, os repositórios de vídeos como o *YouTube* e até uma enciclopédia mundial feita pelos usuários da Internet no mundo inteiro, a *Wikipédia*. Bohn (2007) sintetiza a evolução da Internet e a chegada da Web 2 em uma linha de tempo ilustrada pela figura 6.

---

<sup>5</sup> Programa que permitia “enviar mensagens em tempo real, localizar usuários, identificar se a pessoa procurada está conectada, fazer transferências de arquivos e iniciar *chats* com dois ou mais participantes. Tudo isso a partir de uma interface bastante intuitiva e por meio de comandos do tipo clique-execute”.  
[<http://www.fortunecity.com/skyscraper/download/573/ICQ.htm>].

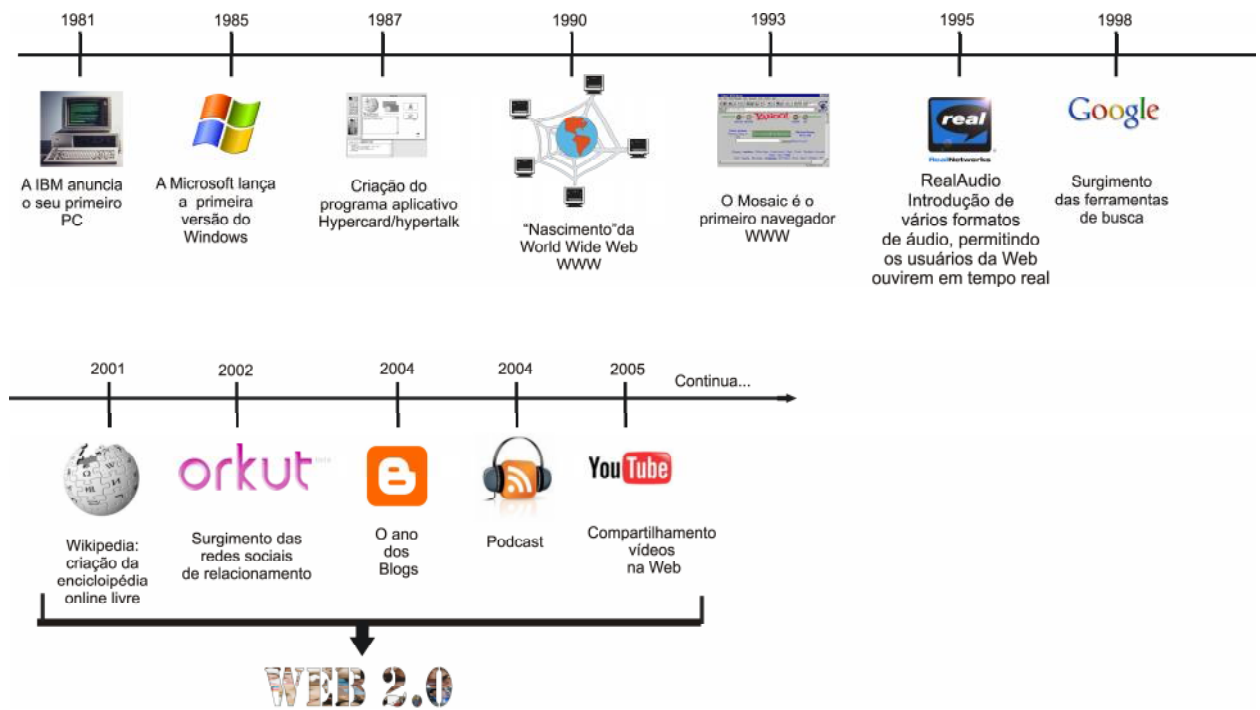


Fig. 6 Linha de tempo da Internet (BOHN, 2007)

Os recursos da web 2 oferecem ao aprendiz tecnologia que lhe permite, efetivamente, usar a língua em experiências diversificadas de comunicação. Pela primeira vez, o aprendiz passa a ser também autor e pode publicar seus textos e interagir com recursos textual, acrescido de áudio e de vídeo.

## 5. Rumo à normalização

Segundo Pennington (1996), o computador se inseriu na sociedade devido à redução de tamanho e custos, à grande variedade de software, ao design cada vez mais atrativo e à mudança de atitude em relação à nova tecnologia causada pela propaganda dos próprios usuários. Ela entende que a socialização dos computadores e seu uso na educação podem ser descritos em 7 fases. Na fase um, os computadores foram usados para cálculos matemáticos por um grupo de cientistas de elite. Na dois, o acesso foi dado a professores e alunos de instituições de prestígio. A fase três dá início ao acesso a toda a esfera educacional, incluindo as escolas públicas. A fase quatro transforma o computador em objeto de massa, atingindo a classe média e tornando o acesso aos computadores universal. Na cinco, os educadores se apoderam do computador e as

máquinas se tornam cada vez mais parte das práticas pedagógicas; na seis, as crianças se tornam digitalmente letradas e se estabelecem as condições para a fase sete em que haverá acesso universal não apenas às informações, mas também às pessoas.

Bax (2003, p.24-25) propõe sete estágios até a normalização das atividades de ensino de línguas mediadas por computador. No primeiro estágio aparecem os primeiros adeptos e alguns poucos professores e escolas adotam a tecnologia por curiosidade. No segundo, a maioria das pessoas ignora a tecnologia ou demonstra ceticismo. No terceiro, as pessoas experimentam a tecnologia, mas rejeitam o novo frente aos primeiros obstáculos. No quarto, tentam outra vez porque alguém os convence que a tecnologia funciona e aí conseguem ver vantagens relativas. No estágio cinco, mais pessoas começam a usar a nova ferramenta, mas ainda existe medo ou expectativas exageradas. No seis, a tecnologia passa a ser vista como algo normal e, no sétimo, integra-se em nossas vidas e se torna invisível, normalizada.

No Brasil, o computador já atingiu a normalização nos serviços bancários, pois, acredito que ninguém mais se lembra de que os terminais eletrônicos são, na verdade, computadores. Na educação, no entanto, convivemos com os vários estágios. Em alguns lugares a tecnologia já se torna invisível, mas na maioria dos contextos ainda existe uma tensão entre a adesão e a rejeição.

No que concerne o ensino de línguas estrangeiras em universidades, especialmente o inglês, as experiências se dividem em três tipos: extensão, atividades curriculares e projetos opcionais.

A pioneira, na área de extensão, é a Profa. Heloisa Collins que iniciou, em 1997, a oferta de cursos de língua inglesa pela PUCSP. Em 1995, foi oferecido o primeiro curso de leitura instrumental, via BBS<sup>6</sup>. A professora e também pesquisadora de mestrado foi Ana Silvia Ferreira, que defendeu dissertação sobre o tema em 1998 (FERREIRA, 1998), sob orientação de Collins. Em seguida, veio o *Surfing & Learning*, elaborado por uma grande equipe sob sua coordenação. Esse curso aconteceu de formas sucessivas, de 1997 a 2002 e foi hospedado pela PUCSP em parceria com a UOL<sup>7</sup>, nos anos de 1999 e 2000. O curso, com duração de 8 semanas, conforme informação de Ferreira (2004, p. 19) “era voltado para adultos que usavam a Internet e precisavam de conhecimento básico de língua inglesa para se comunicarem com outros

---

<sup>6</sup> BBS significa *Bulletin Board System*, um *software* que permitia a interconexão entre computadores via telefone. O sistema BBS foi o precursor da Internet como conhecemos hoje.

<sup>7</sup> UOL é a sigla da provedora *Universo Online*.

usuários em ferramentas síncronas e assíncrona”. Paralelamente, em 1997 e 1998, Collins e seu aluno de mestrado, Robert Wyatt, planejaram o oferecimento do *Business Writing on-line - Inglês para Negócios via Internet*. Collins coordenou, também, um projeto de Leitura Instrumental para professores da rede pública de São Paulo. Em comunicação por email, em 08 de junho de 2008, Collins relata que, em 1998, foi lançado um conjunto de 4 cursos de extensão online, dirigidos à formação de professores de inglês de escolas públicas estaduais de SP. Chamavam-se Leitura Instrumental via Internet I e II e Compreensão Oral via Internet I e II. Foram financiados pela Associação Cultura Inglesa e oficialmente autorizados pela Secretaria de Educação do estado de São Paulo. Esses cursos operaram, com upgrades sucessivos, até 2003. No período de 2004 a 2006, esse conjunto de 4 cursos de extensão foi profundamente reformulado, perdeu seu foco em ensino instrumental de línguas e ganhou um foco formativo e reflexivo, sendo relançado como um curso de Aperfeiçoamento chamado *Teachers' Links*<sup>8</sup>.

Como atividade curricular em cursos de graduação, cito minha experiência na UFMG, que se iniciou em 1997, com a oferta de disciplinas sobre leitura e escrita na Internet para os alunos da licenciatura em inglês. Nos últimos anos, outros colegas aderiram à modalidade de ensino online e diversas disciplinas voltadas para a formação de professores de línguas estão sendo mediadas por computador.

Na Unicamp, Denise Braga coordena, desde 2000, o projeto *Read in Web* que atende alunos da pós-graduação interessados em melhorar sua habilidade de leitura para fins acadêmicos.

Como atividade extracurricular, merece destaque o projeto *Teletandem Brasil*<sup>9</sup> na UNESP, sob a coordenação de João Telles e que conta com parcerias de universidades no exterior. Como pode ser lido na página do projeto, ele envolve “pares de falantes nativos de diferentes línguas trabalhando, de forma colaborativa, para aprenderem a língua um do outro.

Cada parceiro faz o papel de aluno por uma hora, falando e praticando a língua do outro parceiro. Em seguida, eles trocam de papéis e de línguas”.

Finalmente, um dos pioneiros no desenvolvimento de material online no Brasil é Vilson Leffa com seu sistema ELO<sup>10</sup> (Ensino de Línguas Online), um sistema de autoria para a produção

---

<sup>8</sup> Informações básicas sobre esse projeto podem ser lidas em <http://www.pucsp.br/ead/teacherslinks/>

<sup>9</sup> Mais informações sobre o projeto podem ser encontradas em <http://www.teletandembrasil.org/home.asp>

<sup>10</sup> Ver <http://atlas.ucpel.tche.br/~elo/>

de exercícios digitais. Leffa tem ofertado cursos de formação continuada de professor de línguas com foco no desenvolvimento de atividades interativas.

## 6. Concluindo

O computador chegou, timidamente, às universidades no final da década de 80 e, até hoje, uma grande parcela da população brasileira ainda não teve experiências com a informática. Os governos têm feito empenho para universalizar o acesso à tecnologia, mas as reações ao computador ainda são fortes. No Rio de Janeiro, a Secretária de Educação resolveu distribuir computadores para os professores, em 2008, mas segundo Werneck (2008, p.1), “alguns grupos de professores vaiaram a iniciativa do governo afirmando que o aumento salarial era mais importante que os computadores”. Eles também questionam “a validade da entrega dos computadores sem um prévio curso de capacitação para os professores”. A esse respeito Werneck (2008, p.1) argumenta:

A reação normal dos professores obedece à formação de nosso pensamento: ele é cartesiano. O cartesianismo está atrasado, porém, muitos ainda pensam desse modo. Primeiro seria necessário preparar a pessoa e, somente depois, colocá-la em contato com o computador. Não há uma visão de entrelaçamento e de instantaneidade. Ao mesmo tempo em que você usa, você está aprendendo e vice-versa. Os computadores são professores e eles têm uma enorme paciência para ensinar aos seus alunos através dos mecanismos de ajuda. Eles repetem quantas vezes se tornar necessário até a pessoa aprender. Nesse sentido não há necessidade de se preparar e, somente depois, começar a fazer. Nós aprendemos antes de fazer, enquanto fazemos e depois de fazer. No caso dos computadores aprendemos enquanto fazemos. Mas a visão cartesiana não comporta tal pensamento. Então cabe aos professores repensar o seu modo de ver o mundo e as coisas para que, uma adaptação a novos paradigmas, possa permitir a aceitação do uso de uma ferramenta realmente potente.

Outras iniciativas governamentais, como a do estado de São Paulo, universalizam o uso dos computadores. No dia 8 de maio de 2008, a imprensa brasileira noticiou o lançamento, em São Paulo, do projeto Acessa Escola, contratando monitores para manter os laboratórios de informática das escolas estaduais abertos das 8 horas às 20 horas, possibilitando ao aluno acesso à internet mesmo fora do horário das aulas de informática. A iniciativa transforma os laboratórios escolares em “*lan houses*” e demonstra a força dessa tecnologia, pois não há registro

na história de que outras tecnologias, como, por exemplo, a televisão tenham tido o mesmo tratamento.

Nunca houve tanto apoio governamental para a socialização de uma tecnologia como está acontecendo agora com o computador. Telecentros continuam sendo criados por todo o país e a informatização das escolas tem sido um esforço conjunto dos governos municipais, estaduais e federal. O Ministério da Educação implantou, em 2006, o projeto Um Computador por Aluno que está sendo pilotado em cinco escolas, com 1390 *laptops* doados por três fabricantes diferentes e o objetivo é implantar o projeto em 300 escolas até o final de 2008.

A história da tecnologia no ensino de línguas não poderia ser linear em um país como o nosso onde as diferenças sociais impedem que tecnologias como o papel, o livro, e até a eletricidade esteja ao alcance de todos. Muitas tecnologias já obsoletas, como o projetor de slides, por exemplo, nunca chegaram a determinadas escolas. O computador já está plenamente integrado no ensino de línguas de algumas instituições e muitos professores já adotam material didático acompanhado por CD-Roms. Já é possível observar uma mudança gradual de muitos que rejeitaram por princípio as inovações trazidas pelo computador e pela Internet, apesar de que essa tecnologia continuar a ser vista por uns como cura milagrosa e por outros como algo a ser temido.

É bem possível que o computador não chegue para todos, mas é preciso também ter em mente que nem o livro e nem o computador farão milagres no processo de aprendizagem. O sucesso da aquisição de uma língua estrangeira depende da inserção do aprendiz em atividades de prática social da linguagem e, dependendo do uso que se faz da tecnologia, estaremos apenas levando para a tela os velhos modelos presentes nos primeiros livros didáticos.

## 7. Referências Bibliográficas

BAX, S. CALL—past, present and future. *System*. v. 31, p. 13–28, 2003.

BOHN, V.C.R. *How the web 2.0 can help teachers in English language teaching: some suggestions*. 2007. 36 f. Monografia (Bacharelado em Língua Inglesa). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

CHAMBERS, A.; BAX, S. Making CALL work: Towards normalisation. *System*. v. 34, p. 465–479, 2006.

CHARTIER, R. A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

FERREIRA, A. Avaliação de aspectos motivacionais da interface de cursos de inglês baseados em Web com WEBMAC (Website motivational analysis checklist). In: COLLINS, H.; FERREIRA, A. *Relatos de experiência de ensino e aprendizagem de línguas na Internet*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 15-50

FERREIRA, A. S. *Interações em Curso de Inglês Instrumental mediado pelo computador: expectativas e resultados*. 1998. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

FISCHER, S. R. *História da leitura*. Trad. Cláudia Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

GONÇALVES, C. *Fonógrafos e gramofones em Portugal*. Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa - ISCTE, 2008. Disponível em <http://www.historia-energia.com/por2/conteudosDetalheSons.asp?idConteudo=317>. Acesso em 04 de junho de 2008.

KELLY, L.G. *25 centuries of language teaching*. Rowley, mas.: Newbury, 1969.

LEVY, M. *Computer-assisted language learning*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A China vista por uma professora de língua inglesa. *Atualização*. Belo Horizonte, ano 25, n.254, p.181-185, mar.-abr., 1995.

PENNINGTON, M. C. The power of the computer in language education. In: PENNINGTON, M. C. (Ed.). *The power of CALL*. Hong Kong: Athelstan, 1996.

*Teletandem Brasil*. Disponível em <http://www.teletandembrasil.org/home.asp>, acesso em 07 de junho de 2008.

ZUSAK, M. *A Menina que Roubava Livros*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2007.

WERNECK, H. Computador para os professores: revolução, medos e alegrias. *Jornal Virtual Profissão Mestre*. Ano 6. nº 68, 21/05/2008

WOOLLEY, D.R. PLATO: The emergence of on-line community. *Computer-Mediated Communication Magazine*, vol. 1, n. 3, July, 1 1994.

Disponível em: <http://sunsite.unc.edu/cmcmag/1994/jul/plato.html>. Acesso em 02 de junho de 2008.

**Resumo:** Este artigo apresenta uma retrospectiva histórica sobre o uso da tecnologia no ensino de línguas que se inicia com os recursos tipográficos e vai sendo enriquecido com o desenvolvimento de equipamentos eletrônicos. Os livros didáticos passaram a ser complementados por outras tecnologias com o desenvolvimento de máquinas para reprodução do som humano no século 17, com o surgimento de aparelhos de projeção de imagens no século 20 e com a popularização da interação mediada por computador no século atual. Ao discutir a evolução da tecnologia, estaremos também refletindo sobre os diversos conceitos de ensino-aprendizagem de línguas que legitimaram ou legitimam o uso dessas diversas tecnologias.

**Palavras-chave:** história da tecnologia; livro; som; vídeo; computador

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (vlmop@veramenezes.com)

Rua Maria Fortunata Rothéia, 381

Condomínio Fazenda da Serra

31330-900 Belo Horizonte,

Minas Gerais